

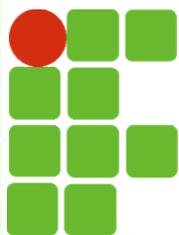
INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
RIO GRANDE DO SUL  
Campus Erechim

**- Ensino Médio Integrado em Informática -**

## **Atividade Remota da Disciplina de Literatura Brasileira**

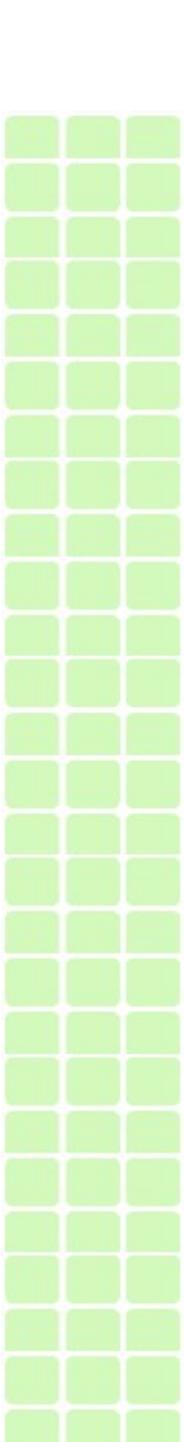
**Docente Responsável: Profa. Dra. Carina Dartora Zonin**

**Data de realização: 15 de junho de 2020**

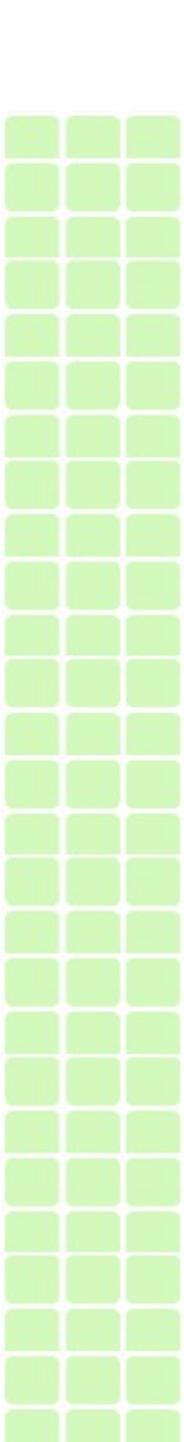


INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
RIO GRANDE DO SUL  
Campus Erechim

# A literatura em tempos de Pandemia: criação e recriação

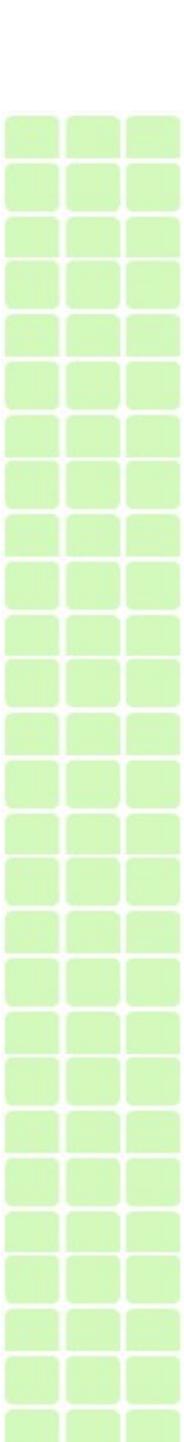


**Resumo da proposta:** Na tarde do dia 16 de junho de 2020, às 13 horas e 30 minutos, na sala virtual, disponibilizada pelo Diretor de Ensino do IFRS, *Campus* Erechim, professor Giovane Rodrigues Jardim, reuniram-se para participar de uma atividade da disciplina de Literatura Brasileira I, em caráter de trabalho remoto, os estudantes do Ensino Médio Integrado em Informática: Ana Paula Hartmann; Bernardo Batistelli; Camila Milena Matiello; Deborah Pellicoli; Gabriela Portela Sperotto; Henrique Mateus Teodoro; Joana Lindner; João Vitor Martins; Laura Cecília Zaleski; Lívia Maria Galli; Luísa Dornelles Tambara Correia; Luiz Eduardo Gallina Sfredo; Marco Antonio Barro Tortelli; Pâmela Iara Granosik; Stefany Vallari e Roberta Regina Giotti. Estavam, também, presentes os docentes: Carina Dartora Zonin, responsável pela prática, na disciplina de Literatura Brasileira I; Miguelângelo Corteze, Coordenador do Ensino Médio Integrado, Coriolanu Oliveira Bento Thill, Docente de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa; os servidores, Daniela Fátima Mariani Mores, Pedagoga, e Ivan José Suszek, Assistente em Administração.

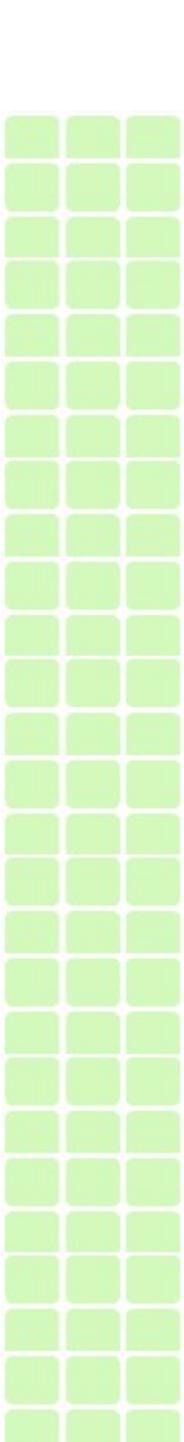


A prática se constituiu a partir de quatro questões norteadoras, tematizadas em forma de uma roda de conversa, em que os participantes, alunos, docentes e servidores, participaram, de forma espontânea e interativa. Em linhas gerais, as questões procuraram aproximar os campos de experimentação do conhecimento “literatura” e “vida”, tendo como centro a deflagração do Coronavírus no Brasil.

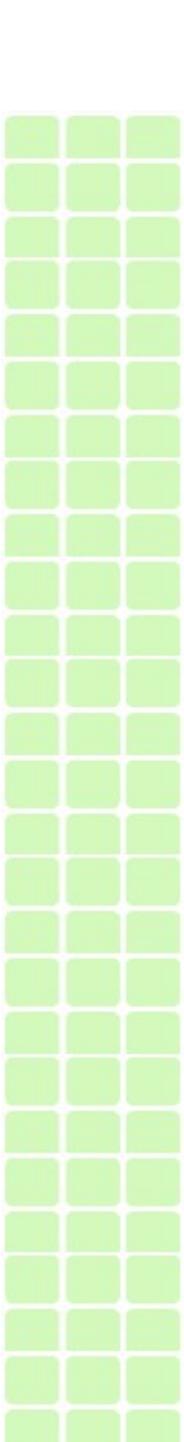
A primeira questão suscitou reflexões em torno dos limites “literatura” e “vida”, questionando os participantes acerca das impressões frente ao momento presente, vivido pela Pandemia do Coronavírus. Mais especificamente, se o mesmo aproxima-se mais de uma experimentação do real, do concreto, ou, se aproxima-se de uma imitação do real, estando, por sua vez, mais próximo de uma trama ficcional, típica de um romance literário, de uma peça de teatro, de um filme, etc. A respeito dessa questão, unanimemente, os participantes argumentaram em torno da vida imitando a própria literatura, estando mais próximo de um acontecimento ficcional.



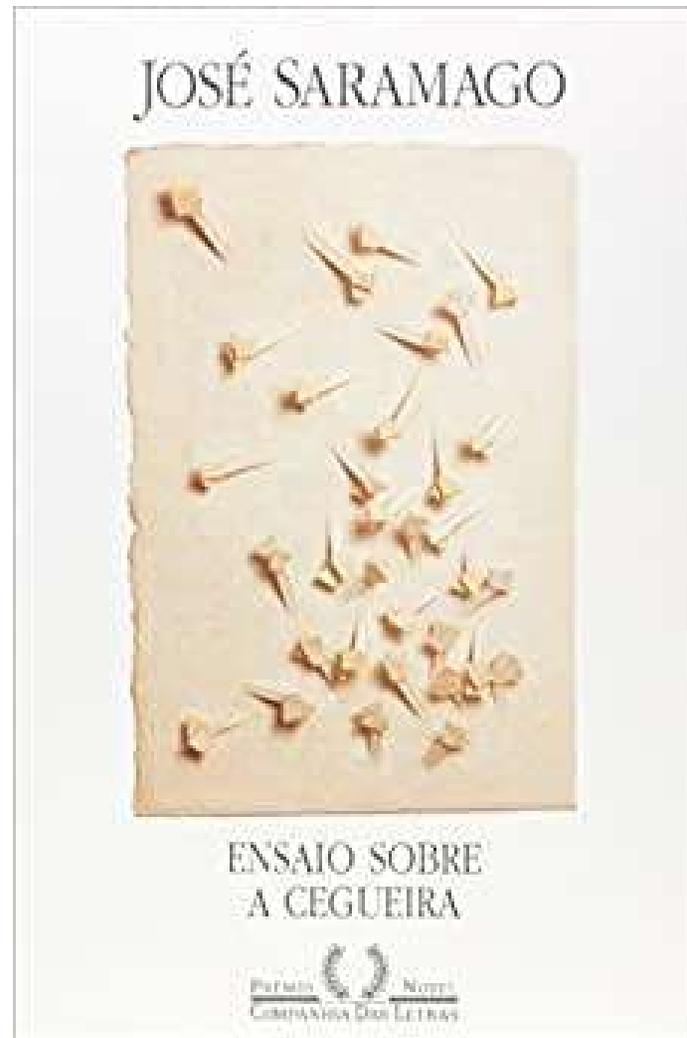
A segunda questão se estruturou a partir de dois eixos: o primeiro em torno das leituras literárias realizadas cuja trama recorda o momento presente. Foram citados textos como: o livro *A cinco passos de você* (2019), de Rachael Lippincott; os filmes *Resident Evil* (2002); *Bird Box* (2018); *Contágio* (2011). O segundo eixo, constitui-se a partir de fatos reais, relatados por meio de jornais, impressos ou falados, interessando expor o fato que mais tenha chamado a atenção dos participantes em torno do Coronavírus. Os mesmos salientaram a velocidade de contágio do vírus como ameaça e descontrole social vindo a revelar mazelas sócio-históricas.



A terceira questão, delimitou-se em torno de três eixos, estruturados a partir da aproximação entre as esferas do conhecimento “literatura” e “vida”, tendo como elo a deflagração do Coronavírus no Brasil. O primeiro questionou acerca do gênero literário mais adequado a recriação do momento histórico atual; o segundo perguntou acerca da abordagem a ser enfatizada na recriação literária e o terceiro fez refletir em torno de um possível título para tal elaboração ficcional. Os gêneros mais indicados foram romance/conto psicológico; romance/conto histórico. A abordagem se voltou para o medo frente a uma ameaça silenciosa e astuta, bem como sobre os tempos de isolamento social. Já, os títulos: *O vírus BioSocial*; *O vírus que parou o mundo*.



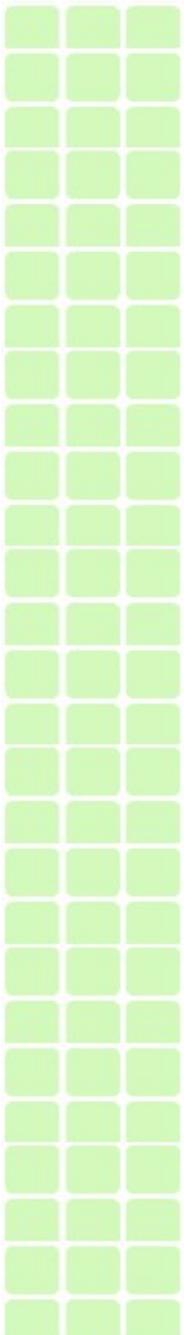
A quarta questão, ápice dessa prática, que será, aqui, elucidada pelas representações dos participantes, aluno(as) do Ensino Médio Integrado em Informática, tencionou para uma recriação literária, tendo como centro motivador os dois primeiros parágrafos de abertura do romance intitulado *Ensaio sobre a Cegueira* (1995; 2020), de José Saramago. A partir dessa abertura, os(as) alunos(as) realizaram adaptações de modo a deflagrar a Pandemia do Coronavírus no Brasil, vindo a recompor, para tanto, uma narrativa e/ou um desenho. A seguir, os preparativos para a prática, seguido pelas imagens das capas, edição impressa de 1995 e a que está disponível para acesso *on line*, a epígrafe e os dois primeiros parágrafos do romance, fontes de inspiração, para, em seguida, introduzir as representações dos protagonistas dessa interação e uma poesia final, representativa desse momento que estamos vivendo, seguida das referências.



**Figura 1:** Capa do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.  
**Fonte:** SARAMAGO (1995).

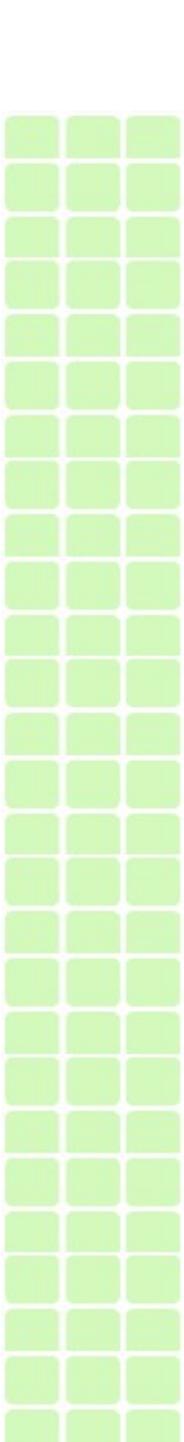


**Figura 2:** Capa do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.  
**Fonte:** SARAMAGO (2020).



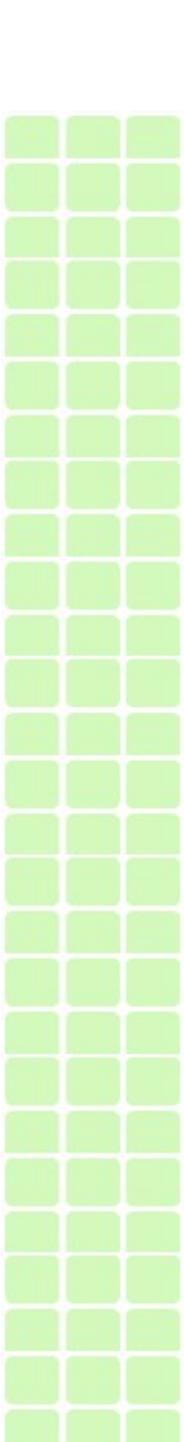
Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

*Livro dos Conselhos*



O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passarela de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam. Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. Os peões já acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos engorgitamentos da circulação automóvel, ou engarrafamentos, se quisermos usar o termo corrente.

O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual. O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema mecânico qualquer, o acelerador solto, a alavanca da caixa de velocidades que se encravou, ou uma avaria do sistema hidráulico, blocagem dos travões, falha do circuito eléctrico, se é que não se lhe acabou simplesmente a gasolina, não seria a primeira vez que se dava o caso. O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do pára-brisas, enquanto os carros atrás dele buzina frenéticos. Alguns condutores já saltaram para a rua, dispostos a empurrar o automóvel empanado para onde não fique a estorvar o trânsito, batem furiosamente nos vidros fechados, o homem que está lá dentro vira a cabeça para eles, a um lado, a outro, vê-se que grita qualquer coisa, pelos movimentos da boca percebe-se que repete uma palavra, uma não, duas, assim é realmente, consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta, Estou cego.



**Criação e recriação literária...**

**- *Ensaio sobre a cegueira* (1995; 2020), de José Saramago,  
e uma releitura da Pandemia do Novo Coronavírus (2020) -**

**De autoria dos(as) alunos(as)  
do Ensino Médio Integrado em Informática  
do IFRS, *Campus Erechim*,**

**Protagonistas dessa interação,  
no virar da página!**

# Criação e recriação literária...

Todos aqueles que estavam presentes e observando a cena ficaram espantados. Como poderia? Seria apenas uma miragem? Acabaram percebendo: era tudo real. O motorista, cego, tentou sair do carro, mas falhou. Logo tropeçou em seus próprios pés, assustado com aquilo que lhe estava acontecendo. Não sabia o que fazer, tentou ligar para a sua família e pedir ajuda mas não localizava seu celular, as pessoas inquietas e curiosas esbanjavam olhares espantados tentando entender a situação. Muitos saíram de perto e outros se aproximaram, não tomaram nenhum cuidado na hora e o desespero daquele homem aumentava a cada segundo que se passava. Poucos dias depois a cidade estava em um ensaio, as televisões e rádios bombardeavam a sociedade com informações, estavam se preparando para algo muito maior do que aquilo que havia acontecido naquele dia. Era um ensaio sobre como evitar, como viver e como se proteger. O ensaio sobre a cegueira havia começado.

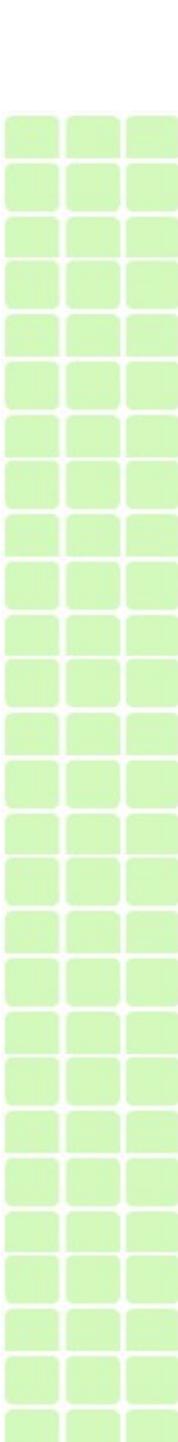
Os homens que após entenderem tais palavras, “Estou cego”, se assustaram, fato, este, que não durou segundos até que estas mesmas pessoas encontram um jeito de retirar o motorista e seu carro da estrada, para logo seguirem seu destino, sem se importar com o jovem que ainda proferia tais palavras. O carro, agora estando no acostamento, ao lado da calçada que se encontravam diversos tipos de pessoas, cada uma trajando roupas e jeitos diferentes tendo apenas uma semelhança entre elas, nenhuma foi capaz de parar e ajudar o homem que se debatia enquanto continuava a repetir, “Estou cego”, movidas apenas pela urgência de concluírem seus percursos. O homem, que havia parado de se debater, de repente, deixa seu carro, com a porta aberta e caminhando desnorteado pela calçada proferindo as mesmas palavras em um tom mais calmo. Com o tempo, essas mesmas palavras começam a mudar enquanto o homem observa a multidão, e seu tom de voz vai ficando cada vez mais alto enquanto mais pessoas vão aparecendo, até chegar o momento em que ele grita: “Estamos cegos”, as mesmas palavras ditas anteriormente por ele. Então o mesmo cai de joelhos no chão, em frente a uma loja rodeada por uma multidão, enquanto continua a gritar; as pessoas já assustadas e sem entender nada se afastavam do pobre homem. Algo que essas pessoas não eram capazes de compreender é que esse homem gritando ajoelhado no chão, frio e desregular da calçada, era apenas alguém cujos membros de sua família haviam morrido por conta de um vírus. E que estas pessoas, que se amontoavam e descumpriam ordens claras de ficar em casa, estavam cegas de ganancia, luxuria, antipatia e ignorância, transformando, assim, o que deveria ser apenas um vírus em uma das armas mais mortais da humanidade, matando diversas pessoas diariamente.

**Componentes do grupo:** Camila Milena Matiello; Deborah Pellicioli; Levi da Rosa Gomes; Luiz Eduardo Gallina Sfredo.

## Criação e recriação literária...

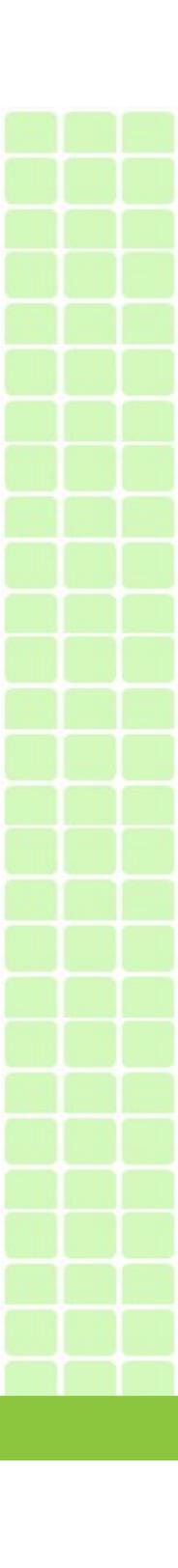
- ...Estou cego! Não sei dizer se devo gritar isso às pessoas pra que elas me ajudem, ou pergunto a mim mesmo, estou cego? As pessoas que atravessavam a rua ainda estão ali? O semáforo abriu? Os carros que estavam a minha direita e esquerda já foram embora? Eu não sei, não vejo nada, somente uma escuridão que não passa. Sou tirado do meu carro, minutos depois um barulho de sirene surge, reconheço que é uma ambulância, pois é óbvio, já tinha ouvido antes. Já no hospital, tenho que responder a mesma pergunta que respondi o caminho inteiro. - Eu não sei, apenas tudo se escureceu para mim. Aquele momento parece que nunca termina, logo vozes familiares chamam por mim, minha esposa e minha filha, vejo seus rostos em minha mente, pois é óbvio, vejo-as todos os dias, lembro de suas faces.

O tempo passou, foram os mesmos 60 minutos pra passar cada hora, mas tive a impressão de ter durado mais. Aquele dia demorou a passar, já é de manhã. Tomei banho, tomei café, fiz minhas necessidades e diferente de todos os dias em que vivi nessa casa, eu estava sozinho ali, tinha a imagem da minha casa perfeitamente na minha mente, pois é óbvio, sempre morei nela, mas não via a imagem da minha mulher e de minha filha, elas estavam ali, falavam comigo, mas não imagino o que estavam fazendo ou como estavam vestidas.



Estavam ao lado de fora, na calçada, minha esposa e filha; estavam ajeitando tudo antes de saírem; eu tinha que voltar ao hospital pra outros exames, mas aquele momento... era aquele momento que me incomodava, eu estava na calçada, de olhos fechados pois tinha medo de abri-los, mas isso não me impedia de notar a diferença, a calçada em frente a minha casa é sempre muito movimentada pela manhã, as pessoas têm que sair pra trabalhar e estudar, isso é óbvio, é a frente da minha casa que sempre morei, sei como é nesse horário, mas nesse momento não, tudo está tão quieto, tanto a ponto de eu conseguir escutar o vento que passava, não tinha passos, não tinha buzinas, não tinha ronco de motores dos carros. Decido enfrentar esse medo momentâneo e abro os olhos, levo um susto a o ver a rua vazia, as janelas das casas estão abertas, todo mundo está em casa, mas e o seu trabalho? E a escola? Será que é algum feriado que eu não lembro? O susto de ver a rua da minha casa sem nenhum movimento foi tanto que nem me dei conta que minha visão havia voltado ao normal, vejo alguém ao longe andando na mesma calçada que eu estava, vinha em minha direção, deve ser alguma médica, está usando máscara, mas por que estaria com uma sacola de mercado nas mãos? Então percebo que não era uma médica, e sim uma vizinha que havia entrado em sua casa. Mas por que a máscara?

Minha visão voltou, mas parece que ainda não enxergo, isso não é óbvio, parece surreal, cadê todo o movimento que tinha aqui? Ontem mesmo eu estava em uma vida que era totalmente diferente do que esse momento que estou agora, logo ouço minha esposa me chamando:

- 
- O que está fazendo aí fora?
  - Fico me questionando, será que ela esqueceu?
  - Não vamos ao hospital? Minha visão voltou!
  - Ainda está dormindo? Entra, ou está esperando se contaminar aí?

Meu corpo começa a balançar, logo abro os olhos e vejo minha esposa me chamando, estava dormindo, foi tudo um sonho? Suspiro e levanto, começo a minha rotina de novo, somente dentro de casa, minha vida está igual a quando eu abri meus olhos na calçada em meu sonho, totalmente estranha e diferente, e infelizmente, ficará assim por mais um tempo, isso agora é óbvio.

**Componentes do grupo:** João Vitor Martins; Ariel Ramos; Eduardo Henrique Kirniew; Yan Matheus Paska dos Santos.

# Criação e recriação literária...

## O Vírus BioSocial

“Estou cego! Estou cego!”, dizia o homem desesperado, “Vejo uma luz branca apoderando-se da minha visão, como uma nuvem invadindo tudo. Não enxergo nada! Sinto o ar de meus pulmões subirem adentrando-se à minha cabeça como uma grande fumaça, é como se o meu corpo doesse e sentisse todo o egocentrismo do mundo, pressinto que a sociedade precisa da solidariedade e que os humanos vejam além do horizonte!” Enquanto o homem agonizava, motoristas apressados buzinavam e gritavam querendo seguir seus rumos, despreocupados com sua situação, pedindo por ajuda; alguns pedestres tentaram o socorrer, seus olhos pareciam normais, porém ele continuava sem enxergar, causando a dúvida e o caos às pessoas ao seu redor. Mas talvez esse caos já existisse antes da cegueira, e os cidadãos somente se recusavam a vê-lo, negam a ajuda ao próximo e priorizam o individualismo. Enquanto uns se preocupam no bem de todos ao seu redor, outros se importam somente consigo mesmos, nem todos têm a mesmas condições, e para vencermos esse mal e acabarmos com o vírus é preciso a ajuda de todos, no entanto muitos nem se quer pensam nisso como uma coletividade, isso está vindo à tona nos últimos dias. Com essa falta de humanidade presente na população, estamos enfrentando uma doença biológica ou uma doença social? Os dois?

**Componentes do grupo:** Henrique Mateus Teodoro; Lucas Blanger; Marco Antonio Barro Tortelli; Renan Dalla Monta.

# Criação e recriação literária...

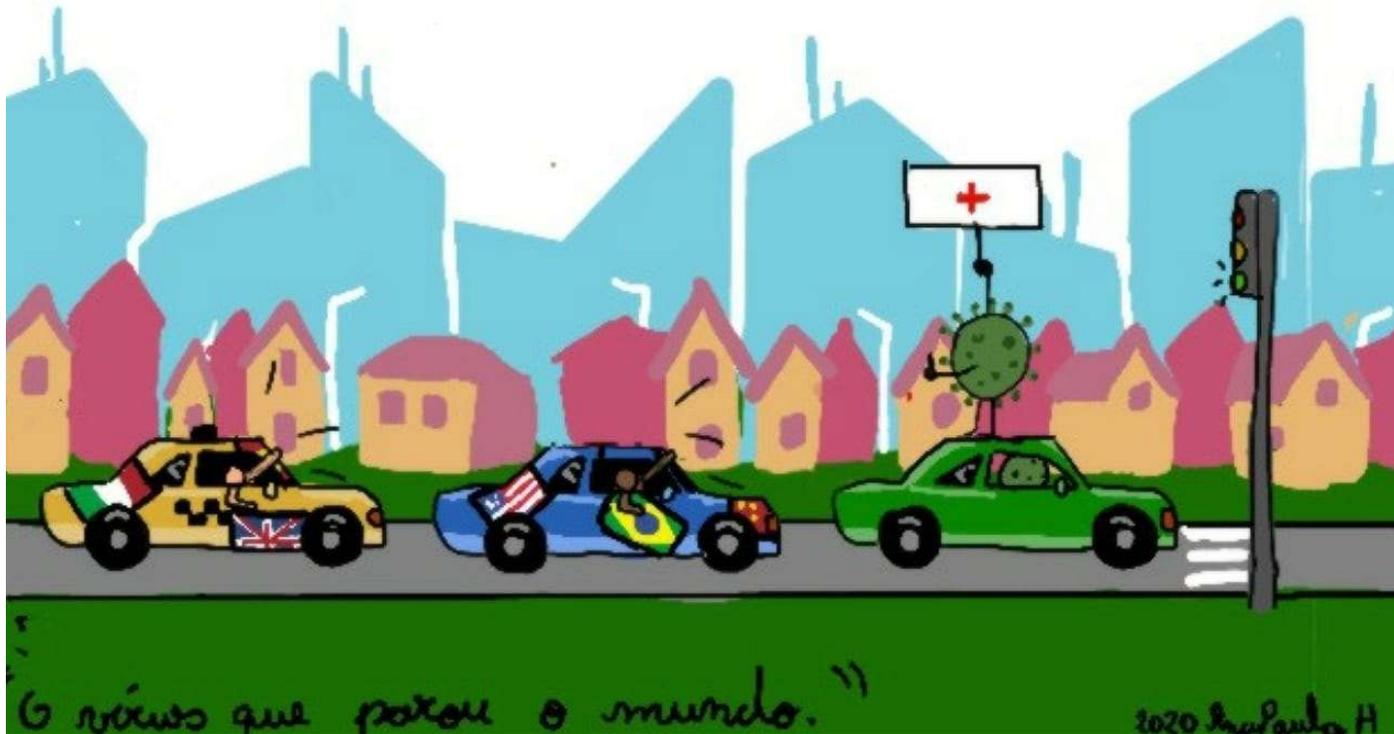
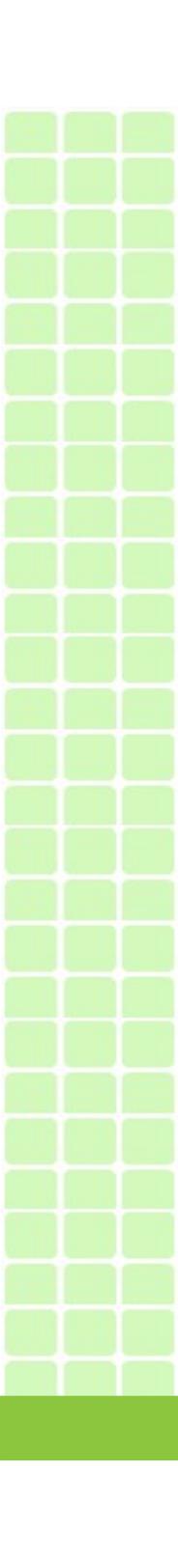


Figura 3: O vírus que parou o mundo.

Fonte: Alunas do EMI em Informática, IFRS, *Campus Erechim/RS*.

**Componentes do grupo:** Ana Paula Hartmann; Luísa Dornelles Tambara Correia; Pâmela Iara Granosik.



## Se isso é um homem

**Primo Levi<sup>1</sup>**

Vós que viveis tranquilos  
Nas vossas casas aquecidas  
Vós que encontráis regressando à noite  
Comida quente e rostos amigos:  
Considerai se isto é um homem  
Quem trabalha na lama  
Quem não conhece a paz  
Quem luta por meio pão  
Quem morre por um sim ou por um não

<sup>1</sup>LEVI, Primo. É isso um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1988.  
Primo Levi, judeu italiano, que viveu, no ano de 1944, em um campo de concentração nazista.

## Referência complementar<sup>2</sup>

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 17ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a cegueira*. Disponível em:  
<<file:///C:/Users/dell/Downloads/Ensaio%20Sobre%20a%20Cegueira%20-%20Jose%20Saramago-1.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2020.

<sup>2</sup>Segue como sugestão de leitura complementar, aos participantes dessa prática, o romance de José Saramago, intitulado *Ensaio sobre a cegueira*, podendo acessar a leitura impressa ou digital, conforme indicação dessas referências.